

Edição v. 44
número 3 / 2025

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 44 (3)
set/2025-dez/2025

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Academias, lares e smartphones:
espaços e redes de sociabilidade de
homens gays das camadas médias em
Brasília

Gyms, homes, and smartphones: spaces
and networks of sociability for middle-
class gay men in Brasília

LUCAS JANSEN

Universidade de Brasília (UnB) – Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: lucasslimajansen94@gmail.com
ORCID: 0000-0003-4110-8117

PPG|COM

Programa de Pós Graduação
COMUNICAÇÃO UFF
MESTRADO E DOUTORADO

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

JANSEN, Lucas. Academias, lares e smartphones: espaços e redes de sociabilidade de homens gays das camadas médias em Brasília. **Contracampo**, Niterói, v. 44, n. 3, p. 01-15, set./dez. 2025.

Submissão em: 07/07/2025. Revisor A: 12/08/2025; Revisor B: 15/09/2025. Aceite em: 15/09/2025.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v44i3.68139>



Resumo

Este artigo etnográfico investiga as dinâmicas de construção de identidades e redes de sociabilidade de um grupo de quatro homens *gays*, entre 30 e 40 anos, das camadas médias de Brasília. Adotando uma perspectiva de *intimate insider* e utilizando observação participante e entrevistas em profundidade, o estudo explora três categorias nativas que emergem de suas vivências etnográficas: academias, lares ("sociais" e "*petit comités*") e *smartphones*. Os resultados preliminares apontam para a centralidade desses espaços na performatividade identitária e na negociação de masculinidades, revelando como, mesmo em um regime de visibilidade *out and proud*, persistem tensões e paradoxos, como a busca por virilidade. O estudo busca, assim, aprofundar a compreensão das complexas e multifacetadas sociabilidades e identidades *gays* nas camadas médias.

Palavras-chaves

Comunicação; Masculinidades; Homossexualidades; Sociabilidade Urbana; *Smartphones*.

Abstract

This ethnographic article investigates the dynamics of identity construction and social networks among a group of four gay men, aged 30 to 40, from the middle classes of Brasília. Adopting an intimate insider perspective and utilizing participant observation and in-depth interviews, the study explores three native categories that emerge from their ethnographic experiences: gyms, homes ("social" gatherings and "*petit comités*"), and smartphones. Preliminary results indicate the centrality of these spaces in identity performativity and the negotiation of masculinities, revealing how, even in an out and proud visibility regime, tensions and paradoxes persist, such as the pursuit of virility. The study thus seeks to deepen the understanding of the complex and multifaceted social lives and gay identities in the middle classes.

Keywords

Communication; Masculinities; Homosexualities; Urban Sociability; Smartphones.

Introdução

Kleber F. me busca em casa no início da noite. Ao sentar no banco do carona, pergunto como ele está e, sem muitas papas na língua, ele me conta que estava em um encontro com um *boy* de 30 anos, que aparentava ser universitário – algo que faz mais seu estilo – em uma cafeteria no Noroeste. Ele havia conhecido esse *boy* no Tinder. Essa cena, comum nos espaços urbanos contemporâneos, ilustra uma realidade intrínseca à vida de homens *gays* das camadas médias: a centralidade de tecnologias digitais móveis na construção e fortalecimento de redes de sociabilidade, reconfigurando noções de identidade e espaço.

Nesse contexto, este artigo investiga: Como homens *gays* das camadas médias de Brasília, entre 30 e 40 anos, utilizam os espaços urbanos e as tecnologias digitais para construir e negociar suas identidades e redes de sociabilidade? Ao explorar as vivências etnográficas em Brasília, este estudo busca aprofundar a compreensão das formas possíveis de sociabilidades de homens *gays* contemporâneos, contribuindo para o debate acadêmico na Comunicação, Sociologia e Antropologia, especialmente ao desvelar a intersecção entre performatividade identitária, consumo e mediações tecnológicas.

Para responder a essa questão, esta pesquisa etnográfica adota uma perspectiva de *intimate insider*, proposta por Jodie Taylor (2011). Isso significa que o pesquisador já possui laços pessoais e íntimos com as pessoas e a cultura que está estudando. Embora essa abordagem ofereça vantagens, como acesso a informações mais profundas e sensíveis, ela também apresenta desafios éticos e metodológicos relacionados à objetividade, à distorção de dados, à prestação de contas e à manutenção de amizades (Taylor, 2011). À luz de um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002) sobre as vivências dos participantes, utilizo a observação participante e entrevistas em profundidade, valorizando as perspectivas dos interlocutores e dialogando com suas categorias nativas. Mobilizei um conjunto de referenciais teóricos para “ler” o campo, estabelecendo um diálogo analítico com as dinâmicas observadas.

Este artigo está estruturado em quatro seções. A primeira detalha o percurso teórico-metodológico, apresentando o grupo de participantes, as técnicas de coleta de dados e as opções teóricas. As seções seguintes exploram três categorias nativas – academias, lares e *smartphones* – que emergiram da pesquisa de campo, revelando diferentes dimensões das experiências dos participantes na construção de suas identidades. A segunda seção, “*Smartffitters, uniqueness e bodytechers*”, analisa as academias como espaço de construção do corpo e performatividade. A terceira, “Vou organizar uma social lá em casa”, explora os lares como ambientes íntimos para consumo e sociabilidade. Por fim, a quarta seção, “Versátil com local”, investiga os espaços digitais como locais de expressão identitária e formação de redes. Saliento que as análises realizadas ao longo do estudo se restringem a um grupo específico, limitadas ao desenho metodológico proposto. Não busco, portanto, propor generalizações sobre uma “identidade *gay*” homogênea, mas apresentar formas possíveis de sociabilidade.

Formação do grupo e perfil dos participantes

O grupo de interlocutores é composto por quatro homens *gays*, com idades entre 30 e 40 anos, pertencentes às camadas médias de Brasília. Eles foram selecionados a partir de minha pesquisa de doutorado em andamento. Cumpre destacar que a relação pesquisador/participante é prévia ao campo — que constitui a dinâmica metodológica do *intimate insider* — e o convite para participar do estudo ocorreu informalmente, como que em uma conversa entre amigos, explicando os objetivos da pesquisa e a forma de contato, a partir do meu acompanhamento nas vivências do grupo. O aceite foi imediato e, na minha percepção, gerou certo interesse por parte dos interlocutores em compartilhar suas vivências. No entanto, essa estratégia, ao mesmo tempo em que facilita o acesso a nuances culturais e experiências individuais, exigiu atenção rigorosa aos aspectos éticos, especialmente o anonimato, garantido pelo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pela utilização de pseudônimos. A descrição densa, inspirada em Clifford Geertz (2022), desses quatro casos singulares permite delinear um panorama mais amplo das características e dinâmicas do grupo, iluminando aspectos das redes e espaços urbanos de sociabilidade em Brasília.

Nessa abordagem, a noção de “grupo social” assume centralidade. Compreender as regras que estruturam a sociabilidade é fundamental e, conforme Howard Becker (2019, p. 17), “todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las”. No entanto, para evitar uma análise homogênea, este estudo adota a perspectiva de Gilberto Velho (2008), que, sem desconsiderar a existência do grupo, relativiza o conceito de classe e enfatiza a heterogeneidade de estilos de vida e visões de mundo nas camadas médias urbanas. Assim, busca-se apreender as normas e negociações que emergem da interação dos participantes, em um contexto específico marcado por diversidade interna própria.

Para entender quem faz parte das camadas médias urbanas, Jessé Souza (2024) diferencia a classe média “real” da classe C. A classe C, apesar de atingir a renda média nacional, não possui os mesmos privilégios da classe média “real”. O autor argumenta que “quem ganha a renda média num país pobre e desigual é pobre, mesmo que remediadamente pobre” e que “classe média é uma classe de privilegiados que reproduzem nos seus filhos os mesmos privilégios” (2024, p. 16).

Inspirando-se na noção de privilégio de Souza (2024) e adaptando-a a esta pesquisa, a categorização dos participantes como pertencentes às camadas médias privilegiadas não se baseou na renda como critério primário. Em vez disso, adotou-se um conjunto de marcadores de seus estilos de vida que, para Pierre Bourdieu (1983), não são meras escolhas individuais, mas manifestações do *habitus*, que por sua vez é moldado pelas condições de existência de uma classe social e se expressa por meio de gostos, práticas e consumos. Nesse sentido, em comum, os interlocutores são indivíduos graduados, muitos com pós-graduação, que trabalham em empresas consolidadas ou são funcionários públicos de alto escalão. Ademais, residem em áreas consideradas privilegiadas de Brasília, geralmente sozinhos, seja em apartamento próprio ou alugado.

A classe social neste estudo é compreendida sob a ótica weberiana, que a define pela combinação de nível educacional, ocupação profissional e renda. Diferente da perspectiva marxista, que foca no conflito entre classes, esta abordagem salienta a estratificação social em múltiplos eixos. Apesar de reconhecer a diversidade de valores nas camadas médias, o estudo vincula a classe às motivações de consumo e à criação de territórios com características simbólicas, devido ao perfil socioeconômico comum.

Para avançar na discussão sobre a formação do grupo, cumpre destacar que, no campo dos estudos culturais, e em diálogo com as teorias da classe, Stuart Hall (2006) argumenta que a identificação dos interesses sociais não se dá exclusivamente em termos de classe. Para o autor, a classe social não é o único fator determinante na definição das identidades e dos interesses individuais. O conceito de identidade é, portanto, moldado por uma intersecção de inúmeros fatores além da classe social. Como aponta Martino (2010, p. 13):

A identidade de alguém é formada na intersecção de inúmeros fatores, às vezes paralelos, às vezes contrários, dentro de tempos de duração variável. É um processo contínuo no qual oportunidades de escolha se alternam com obrigações sociais ou determinações psíquicas. A decisão individual e a pressão social nem sempre encontram fronteiras definidas — aliás, decidir quem você é implica igualmente escolher quais serão suas fronteiras.

Essa complexidade se manifesta na multiplicidade de identidades que os indivíduos podem assumir, evidenciando que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (Hall, 2006). As identidades contemporâneas são, portanto, fluidas, fragmentadas e constantemente negociadas, sendo influenciadas por fatores como identidade de gênero e sexual, classe social, raça, etnia,

cultura e experiências individuais.

Além da noção de camada média, ser homem *gay* se apresenta como outro marcador para a formação do grupo. A identidade de homem *gay* foi definida a partir do próprio reconhecimento dos participantes, respeitando a forma como eles se identificam. Nesse sentido, a condição de ser reconhecido, portanto, descreve as condições gerais com base nas quais o reconhecimento pode acontecer e efetivamente acontece. Este processo de autorreconhecimento e a busca por validação externa, embora intrinsecamente ligadas, demonstram a autodeterminação dos indivíduos na construção de suas identidades, conforme a perspectiva de Judith Butler (2015) do reconhecimento como fundante da própria subjetividade.

Neste estudo, a identidade de gênero e sexual aciona a noção de masculinidades múltiplas, proposta por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013). Longe de ser um tipo fixo, as masculinidades são compreendidas como “configurações de práticas que são realizadas na ação social” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 250) e que se diferenciam de acordo com as relações de gênero em um determinado contexto social. Embora existam diversas masculinidades, elas se organizam em uma hierarquia de poder. Nesse arranjo, a masculinidade hegemônica se estabelece como um padrão de práticas que, mesmo adotado por uma minoria de homens, legitima a dominação masculina. A hegemonia, nesse sentido, não se baseia na força, mas na ascendência alcançada por meio da cultura e das instituições, exigindo que todos os outros homens se posicionem em relação a ela (Connell e Messerschmidt, 2013).

Se a masculinidade hegemônica é um conceito normativo e histórico, podemos relacioná-la à noção de performatividade de Butler (2019), que consiste na “reiteração das normas que precedem, constrangem e excedem o ator” (2019, p. 383). Nesse sentido, a performatividade não deve ser confundida com uma simples “performance” ou “escolha” individual, pois ela trabalha para esconder o que é opaco ou não performático.

As regras e condições impostas por grupos sociais (Becker, 2019) implicam uma performatividade (Butler, 2019) cujo regime de visibilidade da vida urbana define o que pode ser publicamente manifestado por certas identidades. Richard Miskolci (2014, p. 62), reflete que:

Na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discricção ou invisibilidade. Um regime de visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana. Assim, um regime de visibilidade é também um regime de conhecimento, pois o que é visível e reconhecido tende a estabelecer as fronteiras do pensável (Miskolci, 2014, p. 62).

Conforme Tiago Duque (2019) aponta, a visibilidade não é neutra, mas uma negociação complexa que opera dentro de um sistema de poder e conhecimento. Nesse regime, a aparente liberdade na construção da identidade está condicionada por normas sociais que delimitam o que é considerado inteligível e aceitável. Assim, a dinâmica do anonimato urbano cria um campo de experimentação para a performatividade das identidades, buscando e, ao mesmo tempo, desviando-se das normas hegemônicas, revelando a tensão entre “passar” (ser socialmente reconhecido como o que se é) e “não passar”.

Renan Quinalha (2022) reflete que, no passado, a identidade *gay* se construiu a partir do anonimato e da intimidade, servindo como uma estratégia de resistência e sociabilidade em contextos de repressão. A urbanização acelerada de cidades como Brasília, no entanto, já permitia a criação de espaços de relativa tolerância, indicando uma mudança incipiente no regime de visibilidade. Hoje, esse cenário se complexifica ainda mais: as relações com o espaço físico e com as tecnologias digitais móveis, em conjunto com a maior tolerância social, redefinem a forma como as identidades *gays* são expressas e

percebidas, movendo-se da discrição para a possibilidade de uma demarcação explícita no espaço público. Cabe refletir que em um grupo dissidente em gênero e sexualidade, homens *gays*, especialmente das camadas médias, são privilegiados no que tange ao regime de visibilidade.

Essa ambiguidade, constitutiva da modernidade, gera estilos de vida caracterizados que refletem atitudes de reserva diante de um mundo hostil, objetivado e em constante transformação. Apesar disso, também surgem formas de sociabilidade marcadas por interações lúdicas e recíprocas, desprovidas de finalidade instrumental.

“Smartfitters, unikers e bodytechers”: as academias

Logo nos primeiros contatos com os interlocutores – que receberam os nomes fictícios de João F., Rafael T., Kleber F. e Victor D. –, o tema das academias e do culto ao corpo já se mostrou presente. Atrasos para as entrevistas de João F. e Rafael T., por exemplo, foram justificados pela ida à academia. Da mesma forma, Kleber F. não apenas se atrasou para o primeiro encontro, como também iniciou a conversa espontaneamente falando sobre seu corpo. No encontro inicial com Victor D., em sua residência, o atraso também ocorreu devido ao seu treino de Crossfit. Desse modo, essa temática emergiu como um achado inicial significativo.

A primeira vivência etnográfica que ilustra a centralidade das academias para o grupo ocorreu durante um encontro com João F. e Rafael T.. Eles foram contatados via WhatsApp e aceitaram participar da pesquisa, marcando uma conversa na casa de João F.. O anfitrião chegou um pouco atrasado, justificando que ainda estava na academia, o que imediatamente sinalizou a relevância do tema. Em seu apartamento, João F. — ainda com a roupa de treino, uma calça branca com faixa lateral de arco-íris e uma camisa regata rosa choque — compartilhou que frequentava a Unique, uma academia com mensalidade de cerca de R\$ 600. Rafael T., por sua vez, malhava na Smart Fit, mas expressou o desejo de frequentar a Unique.

Ao perguntar sobre a academia que frequento, João F. cunhou a expressão que intitula esta seção: “Olha só, temos aqui ‘*Smartfitters, unikers e bodytechers*’”. O uso dessas categorias nativas demonstra como o local de treino não é apenas um espaço de atividade física, mas um marcador que classifica o grupo. As academias como Bodytech e Unique, com mensalidades elevadas, funcionam como símbolos de *status*, contrastando com a Smart Fit e seu modelo mais acessível.

A forma como identidade de gênero e sexual é percebida nesses espaços e os códigos de identificação são revelados em um episódio narrado por Rafael T., que, ao frequentar a Unique com um amigo *gay*, foi advertido por usar sunga.¹ Sua percepção de que a reclamação ocorreu “só porque dava para perceber que éramos *gays*” é complementada por João F.: “Na Smart Fit você olha para um cara e tem certeza: ‘é *gay*’. Na Unique você olha e pensa ‘deve ser *gay*’. E, na Bodytech, você olha e pensa ‘não sei se é *gay*’”.

Esses códigos visuais e a performatividade do corpo são centrais. A descrição de João F. chegando da academia — calça branca de ginástica com arco-íris lateral e regata rosa choque — ilustra a estilização da identidade. O arco-íris é um símbolo direto do movimento sexo-gênero dissidente, e o rosa, tradicionalmente associado ao feminino, é ressignificado pela cultura *gay*. Esse uso pode ser interpretado como uma negociação e performatividade das identidades em um regime de visibilidade *out and proud*, subvertendo associações normativas de gênero e, simultaneamente, estabelecendo marcadores de reconhecimento internos ao grupo.

As análises de Miskolci (2017) em sua etnografia sobre homens que buscam parceiros do mesmo sexo, mas mantêm uma heterossexualidade presumida para evitar discriminação, oferecem um importante contraponto. Para o autor, “manter presumida heterossexualidade” e “ser ou parecer hétero ainda é uma

1 Cumpre destacar que os participantes trajavam sungas porque saiam do vestiário e iam em direção à piscina da academia.

condição necessária para não sofrer discriminação e preconceito” (Miskolci, p. 124; p.144). No entanto, a manutenção da heterossexualidade como norma parece não se verificar no grupo social desta pesquisa, que, em contraste com o estudo de Miskolci, não parece buscar a presunção de sua heterossexualidade. Ao contrário, observa-se um regime de visibilidade *out and proud*, em que os homens *gays* não desejam ser confundidos com heterossexuais, mas sim ser identificados e reconhecidos como *gays*. As análises de Miskolci permanecem válidas para o grupo por ele estudado; contudo, o grupo aqui pesquisado, embora composto por homens que se relacionam com outros homens, não busca a presunção de sua heterossexualidade, mesmo que isso pudesse garantir melhor aceitação e menos preconceito.

Dando continuidade às vivências etnográficas, encontrei-me com Kleber F. em um restaurante na Asa Norte, em Brasília, em um dia de semana, para almoçar e conversar sobre a pesquisa. O restaurante, no caso, possui um ambiente rústico e oferece *buffet* com foco em alimentação vegetariana e peixes. Apesar do seu pequeno atraso, a espera não gerou impedimento e, assim que ele chegou, solicitei que se servisse à vontade antes de ir ao *buffet*. Uma vez servidos, iniciamos nossa conversa.

— Como você está? — perguntei.

— Estou magra — respondeu, no feminino. Logo em seguida, Kleber F. começou a falar que havia perdido 10 kg e que segue uma rotina de treinos na academia e dieta.

A coexistência de expressões diversas e aparentemente contraditórias no grupo, como a apropriação do feminino na fala e a busca por uma corporalidade viril, reflete as tensões e negociações intrínsecas à performatividade de gênero e sexualidade. A identidade não se configura como um traço monolítico, mas como uma construção multifacetada, tecida pela negociação constante entre marcadores distintos. O uso do feminino por Kleber F. (“Estou magra”), por exemplo, assinala uma estilização da linguagem que subverte a expectativa de uma expressão de gênero homogênea. A mesma lógica se aplica à menção de ter perdido 10 kg, o que denota uma busca por um corpo considerado viril. Em vez de lidas como contradições, a apropriação do feminino e a busca por uma corporalidade viril podem ser compreendidas como atos performativos mobilizados simultaneamente, demonstram a fluidez e a natureza inconstante das identidades, que escapam a uma leitura heteronormativa e binária.

As vivências com João F., Rafael T. e Kleber F. ilustraram as múltiplas formas pelas quais as academias funcionam como espaços de sociabilidade e construção identitária para o grupo. Para aprofundar essa compreensão da complexidade das identidades e da performatividade do corpo no contexto dessas instituições, a pesquisa incluiu um encontro com Victor D., cujas experiências adicionaram novas camadas à análise.

A primeira conversa com Victor D. aconteceu na noite de um dia de semana. O encontro, marcado para às 21h em seu apartamento na Asa Norte de Brasília, revelou de imediato a centralidade do treino físico em sua rotina. Victor D. informou, via WhatsApp, que chegaria em breve, vindo do treino de *crossfit*. Ao chegar à portaria, onde eu já o aguardava, trajava regata branca, bermuda de treino, meias de cano longo, tênis e com o celular na mão. Assim que entramos no condomínio, ele abordou o assunto dos treinos, comentando que havia treinado *crossfit* em um *box* diferente naquele dia e que, por possuir *Gympass*,² tinha flexibilidade para escolher onde treinar, além de comentar sobre a intensidade do treino. Essa interação inicial já evidenciava a centralidade do treino físico e da escolha de academias na rotina de Victor D., aspectos recorrentes na discussão sobre o culto ao corpo no grupo.

A análise dos dados revelou uma questão que demandava maior elucidação sobre a construção das identidades. Embora os participantes se identifiquem e busquem reconhecimento como *gays* em um regime de visibilidade *out and proud*, a dedicação ao culto ao corpo sarado poderia ser interpretada como um reforço de padrões de masculinidade hegemônicos, frequentemente associados a uma perspectiva

2 O *Gympass*, agora *Wellhub*, é um benefício corporativo que concede acesso a uma ampla rede de academias, estúdios, aulas online e outros serviços de bem-estar, proporcionando flexibilidade e variedade de opções para que o usuário escolha o que melhor se adapta à sua rotina.

heterocentrada. Para aprofundar essa compreensão e obter a percepção dos próprios interlocutores sobre esse ponto, retomei o contato com Victor D.. Ele pontuou que a aparente contradição identificada fazia sentido em sua lógica interna. Para ele, a categoria de homem *gay* necessita ser analisada sob a perspectiva da identidade de gênero e sexual. Ele afirmou: “a masculinidade está atrelada ao ser homem. Enquanto *gays*, identificamo-nos como homens e a virilidade reforça essa categoria. Por outro lado, não buscamos um reconhecimento como heterossexuais, queremos ser reconhecidos como homens e *gays*. Ser *gay* pressupõe ser homem”. Questionei se essa construção não seria um reflexo de um padrão heteronormativo. Victor D. respondeu que:

[...] pode ser que seja, mas também podemos interpretar como uma subversão da própria heteronormatividade. Enquanto homem gay eu vou dar o cu, que é uma percepção que se afasta de um ideal de masculinidade, e ao mesmo tempo vou ter um abdômen trincado, ou seja, mesmo dando o cu, eu vou ser mais homem do que muito hétero.

Essa fala ilustra a complexidade da performatividade das identidades, em que a busca por um corpo que remete à virilidade pode coexistir e até ressignificar normas hegemônicas, ao invés de apenas reproduzi-las. Ao explicitar as academias como um espaço de sociabilidade entre o grupo pesquisado, Victor D. confirmou a relevância. “Faz muito sentido. A ANfit³ está cheia de *gays*. Já conheci muitos lá, fiz banheirão e algumas amizades”, relatou. A categoria nativa “banheirão” refere-se à prática sexual homoerótica anônima em banheiros públicos, um tema que exige um estudo específico e que foge aos objetivos deste artigo.⁴

Dessa forma, os espaços das academias funcionam não apenas como locais de treino, mas também como pontos de encontro e sociabilidade para o grupo. Assim, a valorização do culto ao corpo e a frequência a academias podem ser interpretadas a partir do conceito bourdieusiano de *habitus*, considerando as condições de existência de uma classe social e manifestando-se através de gostos, práticas e hábitos de consumo, bem como de uma performatividade própria, baseada em Butler.

“Vou organizar uma social lá em casa”: os lares

“Amigo, vai rolar a social lá em casa, só que às 22h. As *gays* têm que malhar ainda”. Essa frase de Kleber F., ao me confirmar o encontro em sua casa, ilustra como os espaços de sociabilidade se inter-relacionam e como a academia é importante para o grupo, influenciando até mesmo o horário de eventos sociais.

A presente seção se concentra na análise de dois tipos de encontros privados que ocorrem nos lares dos interlocutores, denominados por eles como “social” e “*petit comité*”. Ambas as expressões são categorias nativas que designam reuniões informais, caracterizadas pela proximidade e pelo acolhimento, contrastando com espaços públicos ou comerciais de sociabilidade. Na minha percepção de campo, a social refere-se, em geral, a encontros com um número maior de convidados, com música, bebidas e um ambiente que pode se estender por horas, funcionando como uma extensão da vida noturna em um contexto privado. Já o *petit comité*, embora também um encontro informal no lar, tende a ser mais íntimo, com um número reduzido de participantes e um foco maior na conversa e na culinária, ressoando com o sentido original da expressão de origem francesa que denota pequeno comitê ou pequeno grupo.

Na quinta-feira, às 22h30, cheguei à casa de Kleber F. para a social. No encontro, éramos cinco

3 Para preservar a identidade da academia e manter o foco analítico da pesquisa, optou-se pela utilização de um pseudônimo.

4 Sobre o tema do “banheirão”, recomendo a leitura da dissertação de Tedson Souza (2012), intitulada “Fazer banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências”.

homens *gays* das camadas médias de Brasília, residentes na capital federal, na faixa etária entre 30 e 40 anos. Kleber F. nos recepcionou com vinho, convidando: “Sintam-se em casa”. Sentados no sofá, a conversa inicial sobre o mercado de trabalho logo se voltou para a política, com música *pop* tocando ao fundo via YouTube. Muitos dos presentes, com experiência em comunicação política, demonstravam interesse e estavam bem informados sobre o cenário local e nacional. Identificavam-se como sendo de esquerda ou centro-esquerda, revelando familiaridade com nomes de parlamentares, suas equipes e partidos. Essa adesão política, notavelmente de esquerda, por parte dos interlocutores, insere-se em uma trajetória histórica mais ampla, conforme apontado por James Green (2022). Em seus estudos sobre a primeira onda do movimento homossexual brasileiro, Green (2022) revela uma empatia e aliança entre o referido movimento e grupos de esquerda, como o Partido dos Trabalhadores (PT), surgido em 1980 com uma plataforma socialista. Essa conexão demonstra que o engajamento político do grupo, embora situado em um contexto de socialização informal, reflete uma herança e uma continuidade de lutas por direitos e visibilidade, onde a identidade sexual se inter cruzou com a filiação política desde os primórdios do ativismo no país.

A emergência da política como assunto em uma social sugere, ademais, que o engajamento político transcende o âmbito profissional ou cívico, integrando-se à própria sociabilidade do grupo e funcionando como um marcador identitário e um eixo de construção de afinidades. A experiência de muitos dos presentes com a comunicação política e o contexto de Brasília como capital federal contribuem para a proeminência e o aprofundamento dessas discussões em ambientes que extrapolam o formal.

Após algum tempo de conversa, Kleber F. trouxe um prato branco com um pó e um cartão. Percebi que se tratava de cocaína. Todos os presentes fizeram uso da substância, de caráter recreativo, em um ambiente privado e percebido como livre de retaliações externas, o que facilitava sua integração à dinâmica social. O ritual de consumo estabeleceu-se com o prato no centro da mesa, de onde os participantes dividiam e inalavam o pó, evidenciando uma prática compartilhada. A substância parecia, nesse contexto, permitir a extensão da conversa e a manutenção de uma energia elevada ao longo da noite

Essa prática se coloca em aparente tensão com a forte dedicação ao culto ao corpo e às atividades físicas, mas pode ser analisada sob a perspectiva da sociedade do desempenho, de Byung-Chul Han (2015). Nesse modelo, os indivíduos atuam como “empresários de si mesmos” e são levados a maximizar a própria performance em todas as áreas da vida. Nesse sentido, o culto ao corpo e o consumo de substâncias não seriam contradições, mas elementos complementares de um esforço constante por otimização. A disciplina física na academia e o uso de cocaína para prolongar a sociabilidade e a “energia elevada” são manifestações da mesma lógica de autoexploração e busca por desempenho, que coexiste com a percepção de liberdade.

Em relação ao uso de substâncias, a etnografia de Gilberto Velho (2008) em Nobres e Anjos oferece um contraponto para a compreensão das dinâmicas observadas. Em seu estudo, Velho (2008) identificou que, para seu grupo de pesquisa, havia percepções distintas sobre as drogas: enquanto a maconha era socializada de forma comunitária, a cocaína representava uma ameaça a valores como a boa aparência e a independência. Em contraste com essa realidade, no grupo aqui pesquisado, não se observou tal receio em relação ao uso da cocaína, por eles denominada “padê” – uma categoria nativa que sugere familiaridade e um modo próprio de nomear a substância. Embora a escolha do termo “padê” na cultura afro-brasileira se refira a oferendas a Exu, orixá ligado a caminhos e fluxos, sua conotação para o grupo de interlocutores pode indicar, como hipótese, uma ressonância com a energia ou a abertura propiciada pela substância no contexto de socialização, ou simplesmente um código interno de comunicação.

Apesar do alto custo, a substância era rotineiramente compartilhada e consumida em momentos de socialização, inclusive após treinos de academia. Isso demarca uma especificidade do contexto e dos interlocutores deste estudo em relação às preocupações identificadas por Velho (2008), evidenciando como a percepção e o uso de drogas podem variar significativamente entre grupos sociais e ao longo do

tempo, revelando diferentes negociações entre prazer, sociabilidade e a construção de identidades.

Voltando para a narrativa da social, em determinado momento, Diego S. abriu o aplicativo Grindr para ver quem estava na região. Os demais começaram a comentar sobre os perfis, opinando sobre quem seria interessante ou não para um encontro, demonstrando familiaridade com o aplicativo e seus usuários, mesmo aqueles que não mostravam o rosto. Aos poucos, as pessoas começaram a ir embora. Por volta das 6h30 da manhã, Kleber F. anunciou que iria dormir. Diego S., também participante da pesquisa e indicado por Kleber F., ficou hospedado na casa.

A social estendeu-se até a manhã, um padrão recorrente nesses encontros do grupo, exceto quando funcionam como “esquentar” para eventos noturnos. Durante a noite, a dinâmica de sociabilidade se expressou tanto de forma analógica quanto digital. Se, por um lado, o uso da cocaína se manifestou como um ritual de consumo físico e compartilhado, a abertura do aplicativo Grindr por Diego S. e o compartilhamento de sua tela com os demais presentes evidenciaram uma dimensão pública da interação digital no grupo. Diferentemente do uso da substância, que facilitava a manutenção da energia elevada da conversa, o compartilhamento da tela do aplicativo não estava atrelado a este ritual, mas representava uma outra forma de comunhão. Assim como o “padê” foi compartilhado entre todos, o *smartphone* de Diego S. também o foi, demonstrando a fluidez das fronteiras entre o *online* e o *offline* na sociabilidade do grupo.

A discrição e o sigilo não se mostravam como uma questão, e ao “olhar o cardápio” por meio do perfil de Diego S. no Grindr, teciam comentários sobre experiências com aqueles usuários que se apresentavam na plataforma. A opinião e a indicação do grupo mostravam-se relevantes para decidir se iriam estabelecer contato com aquelas pessoas na tela ou não. A informalidade do ambiente do lar facilitava essa dinâmica de compartilhamento e o tecer de comentários sobre a vida social e afetiva, reforçando a função da social como um espaço de construção de redes e validação das identidades.

No sábado, 1º de fevereiro, participei de um *petit comité* na casa de João F. com Rafael T., Victor D. e um outro amigo em comum. O encontro, combinado entre Victor D., João F. e Rafael T., configurou-se como uma alternativa a um evento noturno, já que apenas Victor D. havia obtido cortesia. O *petit comité* começou com vinho, enquanto João F. preparava *drinks* variados. Na TV tocava Lady Gaga. Apesar do frio e da chuva, todos estavam de regata. Ao retornarmos para o apartamento, após buscar gelo, o tema da academia voltou à tona, com João F. tecendo comentários irônicos sobre a Bodytech e a Smart Fit. Em seguida, a conversa se voltou para a política, a partir de uma polêmica sobre *tweets* de uma atriz, e evoluiu para discussões sobre *trumpismo*, *lulismo* e o futuro político do Brasil. Nesse momento, a conversa tomou um rumo mais acadêmico, quando Victor D. começou a falar de sua dissertação de mestrado, relacionada a questões do movimento sexo-gênero dissidente, suscitando opiniões e questionamentos do grupo. Rafael T. seguia retraído.

Nessa vivência do *petit comité*, a discussão sobre política, incluindo temas como *trumpismo* e *lulismo*, reafirma a recorrência do assunto entre os participantes. Assim como observado na social anterior, os interlocutores também se posicionaram com identificações políticas mais à esquerda. A emergência de tais tópicos em um ambiente informal de sociabilidade, mesmo na ausência de discussões explicitamente relacionadas aos seus trabalhos, sugere a integração da política como um marcador identitário e um eixo de afinidades dentro do grupo.

Após essa discussão, a atmosfera se tornou mais descontraída com a música. Com as bebidas “subindo”, os participantes ficaram mais à vontade, tiraram as camisas e alguns até as bermudas, deixando à mostra, naquele espaço que consideravam seguro, seus corpos. Essa exibição corporal, em um ambiente de intimidade e confiança, reforça a dimensão do lar como um espaço de desinibição e celebração da virilidade performatizada, livre das restrições de espaços públicos. Em um momento de maior relaxamento em relação a corpos e desejos, João F. mostrou a todos um grupo do Instagram com homens *gays* de todo o Brasil que compartilhavam fotos íntimas (*nudes*). Todos demonstraram interesse em ver.

Ao observar as vivências etnográficas em lares, percebe-se que as sociais e *petit comités* não se configuram como espaços de sociabilidade democráticos ou abertos ao público em geral. A participação nesses encontros era rigorosamente restrita a um círculo específico de amigos, selecionado por convite, o que reforça a natureza exclusiva desses eventos, característicos das dinâmicas das camadas médias urbanas.

Nesses ambientes de intimidade e confiança, o *smartphone* emerge como um mediador central das interações e da construção das identidades e redes. A utilização de aplicativos como o Grindr não se limitava à busca individual de parceiros, mas se tornava uma atividade coletivamente observada e comentada, funcionando como um “cardápio” compartilhado que alimentava conversas e validações. Além disso, o envio e o compartilhamento de fotos íntimas em grupos de Instagram demonstram a fluidez entre as esferas *online* e *offline* e a dimensão pública que a vida sexual e os corpos podem assumir dentro desses círculos fechados. Essa centralidade do *smartphone*, tanto para iniciar contatos quanto para expressar e validar identidades e desejos sexuais de forma grupal, sublinha a intersecção entre tecnologia, intimidade e sociabilidade nas práticas desses interlocutores

“Versátil com local”: espaços de sociabilidade digital

No que se refere aos espaços de sociabilidade digital, a história da tecnologia e dos relacionamentos amorosos e sexuais revela um percurso singular. No início do século XX, a invenção do carro e o hábito de ir ao cinema permitiram que as pessoas saíssem de casa para ter encontros amorosos, criando um estilo de vida que já se distanciava do espaço doméstico, ao passo que o telefone o dessacralizava. Décadas depois, no contexto de democratização da internet no Brasil, o acesso a ela possibilitou o estabelecimento de contatos de forma anônima e autônoma, criando uma construção de sociabilidade e identidades paralela e não conflitiva em relação à vida cotidiana, ainda regida pela demanda da heterossexualidade. Os *chats online* e aplicativos de mensagens, como o Bate-papo Uol e o MSN, incentivaram uma textualização do eu em espaços digitais onde os usuários deveriam se descrever. Os *smartphones* e a cultura das *selfies* acrescentaram uma nova dinâmica às plataformas digitais: a imagem (Miskolci, 2017).

Nesse cenário de crescente digitalização da vida social, os espaços de sociabilidade digital, especialmente os aplicativos de relacionamento, como Tinder e Grindr, apresentam-se como ferramentas centrais para a construção de identidades e o estabelecimento de relações interpessoais entre o grupo de interlocutores. Para ilustrar a relevância desses espaços na vida dos participantes, serão narrados três momentos distintos: o relacionamento de João F. e Rafael T., as experiências de Kleber F. em viagens e a utilização dos aplicativos por Victor D..

O relacionamento entre João F. e Rafael T. demonstra a intersecção de laços preexistentes com a mediação digital na construção de suas redes afetivo-sexuais. Eles se conheceram há 15 anos em uma cidade distinta de Brasília. O reencontro em 2024, na Capital Federal, deu-se brevemente em uma festa, onde, segundo seus próprios relatos, apenas se cumprimentaram, pois ambos estavam em outros relacionamentos e não havia “clima” para uma conversa mais profunda naquele momento. Contudo, foi por meio do Grindr que o reencontro efetivo aconteceu. Seus perfis apareceram um para o outro por proximidade, levando ao início de uma conversa pelo aplicativo. Nessa interação inicial, a constatação de que estavam solteiros foi o que João F. descreveu como uma “deixa” para marcarem um encontro sexual. O processo de contato seguiu o que João F. chamou de “protocolo” do aplicativo: “mandar *nudes*, perguntar se tem local”. Ele detalhou que, embora reconhecesse a foto de perfil de Rafael T., ele próprio não tinha foto de rosto visível inicialmente – uma escolha motivada, segundo ele, pelo receio de gerar problemas com um ex-parceiro ainda muito ciumento, dada a proximidade do término. A conversa, então, migrou do Grindr para o WhatsApp, onde se aprofundou em temas como filmes de terror, culminando no combinado de assistirem um juntos.

Até o período que antecedeu o Carnaval, João F. e Rafael T. estavam se relacionando há aproximadamente três meses. Nesse período inicial, eles definiram a relação como “em aberto”, um modelo em constante construção que se distanciava dos padrões tradicionais de relacionamento monogâmico. A vivência dessa não-monogamia revelou nuances e desafios. Inicialmente, a regra estabelecida era não se envolverem com outras pessoas “na frente” um do outro em festas. No entanto, essa delimitação tornou-se difícil de manter, levando a uma renegociação. No Carnaval, o marco temporal para uma nova configuração, eles decidiram que estariam “liberados pra ficar na frente como quisesse, mas sem sexo”. Posteriormente, o relacionamento evoluiu para um namoro fechado, com permissão para beijos em momentos específicos, indicando a fluidez e a natureza negociada de seus combinados.

O uso do Grindr, e de outros aplicativos, foi, segundo João F., minimizado por ele durante os primeiros meses do relacionamento em aberto, “porque eu também não queria criar confusão”. Isso sublinha uma tensão inerente à não-monogamia: embora a liberdade seja um pilar, a insegurança e o ciúme, como observado, ainda podem emergir como fatores na dinâmica afetiva. Em um episódio relatado por João F., Rafael T. questionou-o sobre um possível encontro enquanto ele malhava, ao que João F. respondeu negativamente, mas em seguida perguntou se haveria problema, percebendo que tal questionamento incomodava Rafael T.. Essa troca levou à decisão de pensar sobre a monogamia “quando algo fosse estabelecido”, revelando que a não-monogamia, apesar de ser uma escolha, ainda mobiliza inseguranças e demandas por clareza na construção dos laços afetivos.

A reflexão de João F. sobre o relacionamento “em aberto” também se estendeu ao plano teórico. Em uma de nossas conversas, ele me apresentou a versão impressa do livro *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, de Zygmunt Bauman. A menção a esse texto, que discute a liquidez e a efemeridade dos laços afetivos na contemporaneidade, sugere que João F. busca referências intelectuais para compreender e legitimar a natureza não-convencional de seu relacionamento, conectando sua vivência pessoal a reflexões mais amplas sobre as relações humanas.

Kleber F. me contou sobre sua viagem a Recife com um amigo, Diego S., que também é de Brasília e participante desta pesquisa. “Amigo, que cidade incrível. Eu tenho um *match* muito forte com o Recife. O carnaval lá começa em setembro, né? Então, fui a uns blocos, um só de mulheres, as Sambadeiras. Me fiz lá”, relatou. Ele também contou que conheceu um amigo em comum e que irá passar o carnaval com ele em Recife. Disse que já comprou passagens e hospedagem, e que ficou apaixonado pelo bairro da Jaqueira e pelos “boys” da Zona Norte. Kleber F. instalou os aplicativos Tinder e Grindr para aproveitar a cidade e conhecer “*Mucilons*”, homens *gays* mais jovens, porém maiores de 18 anos. “O Tinder e o Grindr têm pegadas muito diferentes. O Grindr é bom para uma transa rápida e o Tinder é bom para dormir agarradinho depois de transar. Eu sou um ‘safado’ (safado + fofo). Ainda estou com os *apps* instalados aqui em Brasília”, relatou. Ainda sobre Recife, ele comentou que foi para algumas festas, a Maledita e a Metrópole, mas que se decepcionou com os eventos. “O som da Maledita não estava legal, não ornou. A Metrópole tinha um povo estranho. As *gays* bonitas estavam numa festa de Vintage Culture em Maracáipe. Então na Maledita só tinha um povo feio e os bonitos que tinham eram aquelas *gays* que se acham”.

No que se refere a relacionamentos, Kleber F. está solteiro e se envolvendo com alguns *boys*. Embora já tenha sido casado, não deseja mais morar junto, afirmando: “Tem o ficante *premium* e o namorado *premium*, que é o namorado que é marido, mas mora em casa separada. Acho isso faz mais sentido para mim hoje em dia”. Um ponto etnográfico significativo surgiu quando Kleber F. questionou o recorte da pesquisa, perguntando por que o foco era apenas em *gays* das camadas médias de Brasília. A interpelação e sua sugestão de ampliar o corpo de análise para incluir “*gays* pobres” é um dado etnográfico que revela múltiplas camadas de compreensão sobre as dinâmicas sociais e sexuais.

A fala “um pau grande não enfrenta barreiras, se um *boy* tem um pau grande ele ‘fura a bolha’”. Um *boy* pauzado do Itapoã come um deputado, um senador do Plano Piloto” demarca, com clareza, a percepção nativa de que o corpo, em sua dimensão erótica, pode subverter hierarquias de classe e

território. Para contextualizar, o Itapoã é uma região área administrativa de Brasília, anteriormente pertencente a Sobradinho, mas mais próxima da região administrativa do Paranoá, começou como uma invasão irregular, é uma região predominantemente de classes populares⁵, enquanto o Plano Piloto concentra as camadas mais privilegiadas e o poder político da capital federal, abrigando, por exemplo, o Congresso Nacional. Para o interlocutor, o capital sexual (aqui simbolizado pelo “pau grande”) atuaria como um potente desestabilizador das fronteiras sociais que ele mesmo reconhece existirem.

Essa perspectiva expõe uma tensão entre a estratificação socioeconômica, previamente discutida, e a aparente fluidez das interações mediadas por aplicativos como o Grindr. No contexto digital, a observação de Kleber F. sugere que a primazia do desejo sexual imediato e a centralidade da imagem podem, à primeira vista, criar um campo onde a sexualidade se sobreponha às hierarquias de classe e território. Contudo, uma análise mais aprofundada revela que os marcadores de classe não estão ausentes, mas sim transfigurados.

A tecnologia digital, por trás da aparente neutralidade de um perfil, capta e reforça as disposições sociais internalizadas pelos indivíduos. Nesse sentido, o corpo esculpido em academias, as roupas, os locais onde as fotos são tiradas, as referências culturais e a própria linguagem são manifestações de capital simbólico e de gostos que revelam a posição de classe. A geolocalização, por sua vez, confirma e reproduz as fronteiras territoriais, como a separação entre o Itapoã e o Plano Piloto. Portanto, em vez de criar um espaço onde as classes se anulam, as plataformas digitais tornam-se um novo campo onde diferentes formas de capital (econômico, cultural, social e sexual) se cruzam, reproduzindo a distinção social de maneiras sutis e, por vezes, inesperadas.

Victor D. também compartilhou suas experiências com aplicativos de relacionamento.

Depois de solteiro, precisei novamente formar círculos de amizade e recorri a um amigo meu do [estado de origem]⁶, pedindo para sair com seu grupo, o que foi tranquilo. Ainda estou no Tinder e no Grindr e deixo explícito que meu objetivo maior é fazer amizades. Podemos até ter um date, mas não quero um relacionamento. Podemos ter o date e, se o cara for tranquilo, podemos manter uma amizade.

Victor D. me mostrou seus perfis no Tinder e no Grindr. No Tinder, sua foto de perfil tinha seu nome e idade, “Victor D., 32”, a informação de seu estado de origem, a frase “são, e salvo, e forte” e seu Instagram. Sua identidade de gênero e sexual e seus objetivos na plataforma (“fazer amizade”) também estavam explícitos. Alguns dados o Tinder puxou do Facebook, como a última instituição de ensino onde estudou. Em seguida, vi sua música favorita e artistas que ele curti no Spotify, basicamente pop internacional. Ao mostrar suas fotos, a primeira era uma foto de corpo todo, em que ele estava de sunga. “Eu gosto de variar, um biscoito, uma foto de terno”, dizia enquanto passava as fotos. “Essa foto aqui foi lá na sede da empresa em São Paulo e essa outra no estado de origem. Faço muita questão de demarcar minhas origens, que sou de um determinado estado. Isso é muito forte para mim”.

No Grindr, sua foto de perfil era uma foto do seu torso com o abdômen bem marcado. O nome do seu perfil estava “Turista”. Ele me confessou que estava assim porque tinha acabado de voltar de São Paulo e havia usado o aplicativo por lá, mas que prefere “Versátil com local” porque “no Grindr as pessoas gostam de mais objetividade”. A categoria nativa “Versátil com local” encapsula uma busca por clareza e objetividade nas interações sexuais e afetivas mediadas digitalmente, indicando uma disponibilidade para diferentes papéis sexuais e a valorização da praticidade do encontro, reforçando a performatividade de uma identidade direta e sem rodeios, característica da sociabilidade em aplicativos voltados para o sexo casual. Em outros campos, ele se identificava como HIV negativo, tomando PrEP, e informava o último dia

5 Disponível em: <https://bit.ly/4kwjuJK>. Acesso em: 28 mai. 2025.

6 Para garantir o anonimato do participante, informações específicas sobre seu estado de origem foram generalizadas no texto.

da sua testagem. Outros campos, apesar de disponíveis pela plataforma, ele não havia preenchido. Além disso, ele tem um álbum privado, com fotos íntimas (nudes), para enviar para possíveis interessados e algumas fotos salvas para enviar nas conversas.

Os aplicativos são legais, mas eu costumo marcar mais dates pelo Instagram. Algumas pessoas me veem no Tinder e me seguem no Instagram. Se a pessoa não for muito estranha, eu costumo aceitar. Tenho perfil privado porque, como trabalho em negociação com os parlamentares, não posso deixar evidente meu posicionamento político. Além disso, conheço um cara numa festa, a gente se segue e depois ele comenta um stories meu, a gente começa a conversar e rola um date.

Victor D. usa os aplicativos, tanto os de relacionamento como Tinder e Grindr, quanto as redes sociais digitais, como o Instagram, para expandir sua rede social, buscando principalmente, em suas palavras, “fazer amigos”. Toda a tecnologia por trás do *smartphone*, como geolocalização, fotos e aplicativos, é utilizada como uma forma de reforçar sua identidade *gay*. Ele mencionou dois amigos que conheceu através das plataformas de relacionamento, com intenções iniciais de sexo casual, mas que se tornaram amigos.

Considerações finais

Este estudo etnográfico buscou aprofundar a compreensão das sociabilidades de um grupo específico de homens *gays* das camadas médias de Brasília. Longe de universalizar a experiência das homossexualidades, os achados desta pesquisa revelam as particularidades das identidades e dinâmicas de sociabilidade deste grupo, que se manifestam em espaços como academias, lares e plataformas digitais. A centralidade desses locais não apenas oferece alternativas aos espaços *gays* tradicionalmente reconhecidos, mas também evidencia como a construção da identidade e das redes de sociabilidade é um processo dinâmico e contextual.

O culto ao corpo e a frequência a academias, por exemplo, demonstram a relevância da virilidade como um marcador de identidade para os quatro participantes deste trabalho, coexistindo com a fluidez e a estilização das identidades. Essa performatividade corporal, por vezes tensional, reflete uma negociação com padrões de masculinidade hegemônica. A mesma tensão é observada nas sociais nos lares, onde a disciplina física coexiste com a quebra de padrões no consumo de substâncias, revelando uma lógica de desempenho que permeia a busca por prazer, sociabilidade e otimização da experiência.

O papel dos *smartphones* também se destaca, funcionando como mediadores onipresentes que, paradoxalmente, reforçam tanto a sociabilidade restrita do grupo quanto a fluidez de suas interações. Longe de eliminar as barreiras de classe e território, as plataformas digitais transfiguram a forma como o *habitus* e diferentes formas de capital (social, cultural e sexual) são negociadas, como evidenciado na observação nativa que sugere que o corpo pode ser um elemento potente na transposição de limites sociais.

Os dados, análises e interpretações apresentados, embora circunscritos a um universo de quatro interlocutores, contribuem para o debate acadêmico ao sublinhar a necessidade de se falar em homossexualidades e masculinidades no plural. A partir da descrição densa das vivências desse grupo, este estudo ilumina um panorama mais amplo das negociações entre performance, consumo e mediações tecnológicas.

Como desdobramentos, pesquisas futuras poderiam aprofundar a análise em outras cidades, por exemplo, para, ao estudar o urbano, compreender o que é singular e o que é compartilhado em cada contexto. Adicionalmente, a investigação da interseção entre o uso de substâncias e o culto ao corpo em uma sociedade de desempenho se apresenta como um caminho promissor para o campo, assim como o aprofundamento das implicações das tecnologias digitais para a reprodução e subversão das fronteiras de classe e território.

Referências

- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1 vol. 39).
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto?. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; crocodilo edições, 2019.
- Connell, Raewyn; Messerschmidt, James. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Estudos Feministas**, 21(1), 241–282, 2013.
- GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2022.
- FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27205>. Acesso em: 27 mai. 2025.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022. 323 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 80 p. ISBN 978-85-326-5083-2
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 6 jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2025.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é?. São Paulo: Paulus, 2010.
- MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**, Natal, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 303 p.
- QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SOUZA, Tedson. **Fazer banheiro**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**: a vingança dos bastardos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- VELHO, Gilberto. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- TAYLOR, Jodie. *The intimate insider: negotiating the ethics of friendship when doing insider research*. **Qualitative Research**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 3-22, 7 fev. 2011. Disponível em: <http://bit.ly/4fSfLEG>. Acesso em: 27 mai. 2025.